

# Panorama Político

Tereza Cruvinel



## Terceira bancada

Os céticos têm razão para duvidar de que, desta vez, ocorra o cisma no PMDB. Foram muitas as rusgas e escaramuças, sempre superadas em nome da unidade e da mina de votos. Mas agora a dissidência foi muito longe, e não se restringe ao plano parlamentar. Está também nas Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores. Somando-se aos 92 signatários do manifesto que expressa o rompimento com o Governo federal os oito deputados que deixaram o partido, o bloco congrega cem parlamentares. Representam, matematicamente, a terceira bancada do Congresso. É o bastante pelo menos para dar nitidez ao quadro político. O Governo, que sempre se queixou de não

saber com quem contar, soube recentemente quem são seus aliados. E ganha agora uma oposição claramente delineada.

Mas entre a formação da dissidência e a fundação de um novo partido, há muito o que caminhar. E já há interesses divergentes dentro do grupo. O caso mais notável é a existência de dois fortes candidatos à Prefeitura de São Paulo: O Deputado José Serra e o Ministro Almir Pazianotto. O Ministro, se tivesse garantias de obter a legenda, poderia ter deixado o Governo no episódio do congelamento da URP, medida que não aprovou. Desde já, trabalha-se por uma composição entre os dois.

## Pagando a conta

O Governo desistiu de formar agora seu bloco de sustentação parlamentar e até o final da Constituinte vai operar à base de adesões individuais, tal como ocorreu na votação do sistema de governo. Para evitar a dispersão dos votos, o Presidente Sarney ordenou o atendimento parcial dos pleitos de seus aliados. "O resto fica para depois da aprovação do mandato de cinco anos", diz um importante auxiliar do Presidente.

A grande tacada deverá acontecer no Ministério da Previdência, onde os governistas exigem uma ampla substituição nos postos de comando estaduais. Semana passada, o Ministro Renato Archer teria acertado com o Presidente algumas mudanças na Bahia. Mas o Diário Oficial não trouxe as modificações, gerando uma reclamação do Ministro Antônio Carlos Magalhães. As mudanças exigidas na Previdência serão mais um teste para a paciência de Archer, que só continua no cargo a pedido de Ulysses Guimarães.

Os aliados do Planalto querem também uma participação efetiva na Companhia Vale do Rio Doce, que realizará brevemente uma Assembleia-Geral para renovação de diretorias. A área econômica sempre relutou em politizar uma das mais bem-sucedidas estatais, mas deve vergar-se agora ao imperativo político. Um dos nomes cogitados para a Presidência é o do ex-Governador de Minas e atual Vice-Presidente do Banco do Brasil, Francelino Pereira.

A renovação do mandato de André Franco Montoro Filho na Vice-Presidência do BNDES também será objeto de



Renato Archer

uma Assembleia-Geral. A bancada cincoanista de São Paulo, vinculada ao Governador Orestes Quércia, quer não só a demissão de Montoro Filho, como também a do Presidente Márcio Fortes. Mas sua cabeça parece a salvo, diante da reaproximação entre o Governador Moreira Franco e o Planalto.

Por fim, os aliados do Governo querem a substituição de todas as autoridades ligadas aos dissidentes do PMDB, que subscreveram o manifesto do "Bloco Independente". Encabeçam a lista o Diretor de Saneamento da Caixa Econômica Federal, Theobaldo Machado, e o Diretor de Crédito Rural do Banco do Brasil, Sebastião Rodrigues. Ambos são ligados ao Senador José Richa.

Só depois das eleições municipais o Governo tratará efetivamente de formalizar sua base partidária. Passado o pleito, já será possível falar em um grande partido de centro, orientado para a eleição do sucessor do Presidente Sarney. Por enquanto, o Diário Oficial será leitura obrigatória.